

TU, O QUE PROCURAS?

*Apontamentos da intervenção de Julián Carrón
na Jornada de Início de Ano dos Liceus/Colegiais
Milão, 12 de Outubro de 2014*

© Società Cooperativa Editoriale Nuovo Mondo
Via Porpora, 127 - 20131 Milão.
Tracce-Litterae Communionis
Diretor responsável: Davide Perillo
© Fraternidade de Comunhão e Libertação
para os textos de Julián Carrón e Luigi Giussani

Julián Carrón. Todas as manhãs, cada um de nós retoma a estrada da vida com tudo aquilo que está em ebulição dentro de nós assim que acordamos: do desconforto à preocupação com as obrigações que nos esperam ao longo do dia. Mas há qualquer coisa que nos precede, existe Um que já pensou em nós antes de termos acordado e que se dirige ao nosso eu tal como ele é, com todas as preocupações que tem, com tudo aquilo que está em ebulição dentro de si, para lhe dizer: «Não estás sozinho»; Um que nos anuncia o que aquela jovem, há dois mil anos em Nazaré, ouviu. E como então, também hoje cada um de nós se encontra diante deste anúncio.

Angelus

Alberto Bonfanti. Bom dia a todos vocês aqui presentes, e a todos os amigos ligados a nós na Itália e no estrangeiro. «A única alegria do mundo é começar. É belo viver porque viver é começar, sempre, em cada instante. Quando falta este sentimento – prisão, doença, hábito, estupidez – deseja-se morrer». Esta frase de Cesare Pavese vale sobretudo para quem está no início do caminho, quando cada fibra do nosso ser grita o desejo de viver e ser feliz». Esta frase, que o nosso amigo Julián – a quem agradecemos por estar aqui conosco também este ano – colocou no início do seu Prefácio ao livrinho (*La vita è mia, irriducibilmente mia*, de G. Mereghetti, Piccola Casa Editrice, S. Giuliano Milanese-MI 2014, p. 7) que reúne alguns dos contributos que vocês e os vossos colegas nos enviaram nestes três anos, para preparar este momento do início de ano e o Tríduo da Páscoa, explica muito bem a razão porque

nos encontramos esta manhã. Não estamos aqui para um rito, mas porque queremos dizer-nos, voltar a dizer-nos, testemunhar a nós e ao mundo a alegria do começar, o gosto de caminhar. Impressionou-me muito, ao ler os vossos contributos, sempre sinceros e leais, como muitos deles documentam este desejo que vos moveu no recomeço da escola, como escreve a Marta: «Nunca, como neste ano, desejei que recomeçasse o ano escolar. Não só tinha vontade de rever os amigos, mas também de estudar e começar matérias novas, ter responsabilidades e tarefas, deveres. Queria descobrir tudo, conhecer tudo, estava ansiosa por estudar e entender. O primeiro dia de aulas foi fantástico: reencontrei os meus colegas de turma, de quem gosto, os professores de quem gosto tanto, e eles explicaram-nos o que íamos fazer durante o ano. Enquanto faziam a lista das matérias, dei comigo a pensar: quanta beleza nos espera! Até as matérias que sempre odiei agora estão cheias de fascínio, porque me dei conta de que tudo fala de mim. Decidi dizer sempre “sim” às circunstâncias e continuar a seguir aquela intuição de bem que vi, e que não depende da situação em que me encontro, mas da minha relação com a realidade e com o infinito. Desejo continuar a ver este bem também na escola, como me está a acontecer nestes dias, e todas as noites me surpreendo vendo como o destino o faz reacontecer durante os meus dias. Sinto-me amada e parte fundamental de uma coisa grande».

Esta alegria que vocês comunicam é o fruto da experiência positiva feita durante o ano passado, durante o Verão, durante as férias dos Liceus/Colegiais, o Meeting. Esta alegria é a expectativa de alguma coisa de novo, de outra coisa que aconteça na nossa vida, esta espera que manifestam de forma clara os “calouros” no primeiro dia de escola. E vários de vocês, nos contributos que enviaram, mostraram o que gerou esta alegria no primeiro mês de aulas, desde o manifesto distribuído em Milão sobre os acontecimentos no Iraque, às várias iniciativas nascidas um pouco por toda a Itália, em particular na Sicília, à descoberta da verdade sobre si mesmo diante duma dúvida de matemática, como conta um rapaz de Rimini, ou diante duma lição sobre Manzoni, ou ao encontrar-se com um colega para fazer uma lista para o Conselho do Instituto com o título significativo: «Realista». Esta ale-

gria nasce da experiência de que seguir um outro corresponde, de que a regra da vida é seguir aquilo que nos fascina, como nos disse o José Medina no Tríduo deste ano.

Mas esta alegria, como referem tantos outros, e como podemos ver também em nós, muitas vezes decai. Escreve a Maria Giulia: «Depois de cerca de duas semanas, o fascínio desta experiência começou a desaparecer, dia após dia, tanto que me perguntava que sentido teria tido ser feliz por um determinado período, se depois no meu dia a dia não conseguia sê-lo. Ontem, ao ler um artigo, encontrei esta frase que consegue descrever melhor a minha pergunta: o paraíso manifesta-se em singulares e fugazes instantes de plenitude ou nalguma coisa de duradouro e estável? Com o início da escola, esta pergunta está cada vez mais presente e urgente. Devo resignar-me à opacidade do quotidiano, ou existe outra coisa?». Um outro pergunta: «Como é possível viver o extraordinário no ordinário?». Então, perguntamos-te, Julián: o que é que permite permanecer nesta alegria? O que é que torna uma a nossa pessoa, de forma a que possamos viver tudo aquilo que nos é dado com plenitude e com gosto, sem nos rendermos à opacidade do quotidiano?

JULIÁN CARRÓN

A ILÓGICA ALEGRIA

Bom dia a todos. Esta manhã, quando acordei, enquanto estava ainda na cama, pensava em vocês e sentia-vos já companheiros de caminho, tendo lido as vossas perguntas e os vossos contributos. Perguntava-me: como é que eles estarão? Com que expectativa terão acordado hoje? E perguntava-me: o que é que me une a eles? O que é que me une a cada um de vocês? A mesma espera, que partilhamos com todos, de alguma coisa tão significativa que torne a vida cheia daquela alegria, daquele sentimento de que todos precisamos. É a mesma espera que encontraram em si aqueles dois que, ao irem atrás de alguém que lhes tinha despertado a curiosidade, ouviram a per-

gunta com que todos aqui chegámos esta manhã: «O que procurais?». E tive um sentimento de ternura por cada um, pensando em vocês: qual será o ponto do caminho em que cada um se encontra? Quais serão as preocupações que inundam a vida? Qual será a expectativa com que virão à Jornada de Início de Ano? Como gostaria de vos abraçar um a um precisamente neste momento em que, por tantos motivos, cada um de vocês está tenso, à procura de alguma coisa, ainda às apalpadelas nalguns momentos, e comunicar-vos a mesma paixão pela vossa vida que experimentaram aqueles dois devido à maneira como se sentiram olhados por aquele desconhecido; porque é o que cada um de nós procura, de forma mais ou menos consciente, como escreve a Liviana: «Também eu quero perguntar-me: o que é que procuro, o que é que desejo verdadeiramente neste recomeço do ano escolar, o que é que me vou surpreender a procurar ao começar os dias e as tarefas normais da vida? Acima de tudo, eu estou sempre à procura daquele olhar que encontrei mil vezes e não posso fingir que nunca existiu, porque sem ele não estou completa». É a pergunta que todos, de uma forma ou de outra, encontramos em nós: o que procuramos? Diz a Bianca: «Foi a pergunta que me “perseguir” todo o Verão e me “persegue” cada vez mais cada dia que passa».

Mas, por que é que procuramos este olhar? Porque encontramos em nós, quase que apesar de nós, este desejo, esta espera, esta necessidade, porque é-nos necessário para sermos nós mesmos. Por isso, me impressionou tanto uma frase que um amigo me deu este Verão, retirada de uma canção de Francesco Guccini: «Não sou quando tu não estás aqui» (*Vorrei*, letra e música de F. Guccini). Perguntava-me: de quem é que podemos falar assim? De quem é que podemos falar assim, agora? Eu dou-me conta do que é essencial para viver porque não sou quando isso falta, e isso se vê do fato, como continua a canção de Guccini, de que quando falta, «fico só com os meus pensamentos». A segunda razão é que aquela coisa essencial deve estar presente. Não basta que tenha existido no passado, não basta que eu a deseje para o futuro. Se não está presente agora, eu não sou. Parece-me que não há outro critério para reconhecer o essencial para a vida a que o Papa nos chamou na Mensagem ao Meeting de Rimini, se não este: uma presença que me faz ser; reconheço-o porque quando falta eu

não sou, não sou mesmo. Tenham atenção, porque não é, em primeiro lugar, um problema de coerência, mas de pertença a uma presença sem a qual eu não sou. Então, toda a experiência da vida, amigos, toda a aventura da vida é responder, é descobrir o que é que me faz ser – ser, agora! –, nesta situação histórica em que nos encontramos a viver. O que é que me torna eu mesmo e me faz estar aqui, agora, presente naquilo que vivo? É o que nos testemunha uma canção de Giorgio Gaber que vamos ouvir agora.

L'illogica allegria (letra de A. Luporini, música de G. Gaber)

O que é que nos faz ser? Nada nos pode impedir de refazermos na vida a mesma experiência que o Giorgio Gaber. Posso estar «sozinho», em qualquer lugar, «ao longo da autoestrada», a qualquer hora, «nas primeiras luzes da manhã», até sabendo que «tudo está em ruínas», mas tudo isto não consegue impedir que me aconteça isto: «Pode bastar-me um nada / talvez um pequeno clarão / um ar já vivido / uma paisagem [...]. // E estou bem». Basta que a realidade, qualquer fragmento da realidade, quase um nada, entre no horizonte do nosso eu através duma circunstância qualquer, para despertá-lo e tornar possível a experiência deste bem. É um bem tão surpreendente que quase não acreditamos nele, parece-nos um sonho; é tão desproporcionado o bem que experimentamos em relação ao que fizemos que quase que sentimos «vergonha» de nos sentirmos assim tão bem. Mas uma evidência impõe-se: não posso negar que «eu estou bem / precisamente agora / precisamente aqui». É como se Gaber se desculpassem: «não é culpa minha / se me acontece isto», quando se encontra diante desta surpresa. Desculpem, não é culpa minha se me acontece isto. É como se a realidade, um momento antes de nos podermos defender dela, antes de levantarmos um muro contra ela, conseguisse penetrar no eu para torná-lo ele mesmo, «precisamente agora, precisamente aqui». E como é que vemos que a realidade entrou no nosso eu? Porque encontro em mim uma «ilógica alegria», uma alegria ilógica. E por que a define como «ilógica»? Porque é como se não existisse uma lógica naquilo que acontece, como se uma pessoa estivesse deslocada. Com efeito, parece totalmente desproporcionado que «um nada / talvez um

pequeno clarão / um ar já vivido» possa trazer à vida esta alegria. «Uma ilógica alegria / da qual não sei o motivo / não sei que coisa seja». Não posso negá-la, porque a encontro em mim, mas não lhe conheço o motivo, de tal forma é real e ao mesmo tempo misteriosa. Porque se não fosse real, não poderia acontecer aquilo que Gaber diz logo a seguir: é como se «de repente / eu me tivesse dado o direito / de viver o presente». Alguma coisa entra na vida e torna-me presente no presente, «precisamente agora, precisamente aqui». Alguma coisa que parece um nada me faz ser de tal maneira eu mesmo que me faz estar presente naquilo que estou a viver. Quando esta presença existe, encontro-me todo uno, presente. Aquela intuição de bem de que falava a Marta não depende da situação em que me encontro, mas da minha relação com a realidade e com o Infinito que está dentro dela.

Amigos, é difícil encontrar uma canção que exprima melhor o significado do capítulo décimo d'O *Sentido Religioso* (O *senso religioso*, na versão brasileira), que ilustre melhor o exemplo dado por Dom Giussani: se cada um de nós, agora, na nossa idade, abrisse os olhos pela primeira vez, como se nascesse neste momento já grande, qual seria a primeiríssima reação diante da presença do real? Seríamos todos tomados pelo espanto, pela imponentia da presença das coisas, ficaríamos sem palavras. Como me contava uma vez um amigo brasileiro, que tinha levado à Itália, para umas férias de universitários, um grupo de jovens do Brasil; estavam também alguns amigos de Moçambique. Um dia, levou-os a ver o Monte Branco: ao longo do caminho, todos falavam, na brincadeira, e este amigo pensava no que poderia fazer para os obrigar a calarem-se uma vez chegados ao Monte Branco e para os introduzir àquela beleza. Mas foi ele o primeiro a ficar surpreendido vendo que, assim que chegou o primeiro grupo, todos ficaram em silêncio, sem palavras, diante do espetáculo daquela beleza. Entretanto, o grupinho que estava atrás deles continuava a falar, fazia barulho, e o meu amigo pensava outra vez: «Quando chegarmos vou dizer-lhes que...». Não teve que fazer nada, porque também este grupo ficou em silêncio, e todos se descobriram gratos e alegres. É exatamente a experiência que Dom Giussani descreve no capítulo décimo: o eu, dando-se conta da presença inexorável da realidade, «despertado no seu ser [aqueles jovens subiam a

montanha distraídos] pela presença, pela atração e pelo espanto [pela realidade], sente-se grato, contente» (O *Sentido Religioso*, Verbo, Lisboa, 2008, p. 147). É a «ilógica alegria» de que fala Gaber, a ponto de prevalecer sobre todas as nossas preocupações. Assim que aparece, eu sou; não sou quando não está aqui, assim que aparece eu sou totalmente eu mesmo, como não tinha acontecido antes, enquanto andava distraído ao longo da estrada, com os meus pensamentos.

Quem não desejaria isto, qualquer que seja a situação em que se encontre, o que quer que seja que pense da vida e de como a vida se deve realizar, quem não desejaria isto em cada manhã, em cada instante? Um instante de plenitude com o qual uma pessoa se surpreende, como tenho a certeza que também vocês experimentaram muitas vezes, de tão humano, de tão simples é isto. Naquela experiência simplicíssima, elementar, ao alcance de cada um de nós, em qualquer momento, lugar ou circunstância, ali – ali, rapazes! – encontra-se todo o método da vida. Uma presença que me faz ser. Nenhuma tentativa minha, nenhum esforço, é capaz de me dar aquele instante de plenitude. Por isso, não há outro critério para reconhecer o que é essencial para a vida, se não este: que uma coisa é essencial, vê-se do fato que me faz ser, e quando me falta, eu não sou, não sou mesmo! Assim que ela aparece, sou, surpreendo-me contente, encontro em mim uma «ilógica alegria», «precisamente agora, precisamente aqui», que me torna capaz de viver o presente.

Quando, pelo contrário, este método não prevalece, que amargura encontro em mim! «Que amargura, meu amor / ver as coisas como eu as vejo [não é que o real muda, o real está sempre diante de nós, o que muda é a forma de viver, “ver as coisas como eu as vejo”] [...]. // Que desilusão [...] / viver a vida com este coração [tantas vezes encolhido]», vendo que tudo me escapa por entre as mãos. Cantemos *Amare ancora* (letra e música de C. Chieffo).

Amare ancora

Conseguiram evitar sentir um arrepião cantando «que amargura», «que desilusão» quando vemos as coisas como olhamos para elas habitualmente, quando, em vez de nos espantarmos diante do real,

prevalece a amargura e a desilusão por «ver as coisas como eu as vejo»? Ao mesmo tempo, que libertação cantar com as palavras da canção como é fácil vencer aquela desilusão: «Bastaria apenas voltar a ser criança e recordar... // E recordar que tudo é dado, que tudo é novo / e libertado». A vida é fácil. Basta deixarmo-nos tocar e espantar com aquela realidade que nos é dada. Bastaria entender aquilo que Dom Giussani nos relembra no capítulo décimo, ou seja, que a nossa primeira atividade é uma «passividade», é este acolher, este receber, este reconhecer que tudo nos é dado. Porque basta apenas um clarão para poder dizer que alguma coisa nos é dada. Não é preciso nada de muito excepcional, não é preciso que em cada manhã esteja diante de nós o Monte Branco, basta «um pequeno clarão», «ao longo da autoestrada», em qualquer momento, para que qualquer coisa, mesmo a mais pequena, ilustre o que está dentro de nós. «Eis o nosso método», diz Giussani no último livro da *Equipe* dos universitários, *In Cammino*, «o método para clarificar o problema do homem como religiosidade – que é o problema mais profundo e totalizante do homem –: é necessário, em primeiro lugar, tornar experiência pessoal a relação entre o homem e a realidade na medida em que originada» (*In cammino. 1992-1998*, Bur, Milão 2014, p. 316), quer dizer, na medida em que é dada.

O verdadeiro desafio que temos pela frente, todos, mais velhos e mais novos, é o mesmo: qual é a verdadeira relação com a realidade? Porque se nós não aprendemos isto, em vez daquela «ilógica alegria» que seria a vida, aquilo que prevalece tantas vezes é: «Que amargura...», «Que desilusão...», e qual é a diferença? A diferença não é que a realidade seja diferente, porque a realidade é a mesma para cada um de nós, a diferença é como é que nós vivemos esta realidade, a nossa relação com a realidade. Por isso, Dom Giussani diz que este é «o problema mais profundo e totalizante do homem». Não podemos imaginar uma outra coisa mais decisiva para aprender do que esta. Porque se não a aprendemos, encontramos-nos diante do desafio que ouvimos antes; todos tivemos esta experiência nalguns momentos excepcionais, mas depois decaí: «Depois de cerca de duas semanas, o fascínio desta experiência começou a desaparecer, dia após dia, tanto que me perguntava que sentido teria tido ser feliz por um determinado período,

se depois no meu dia-a-dia não conseguia sê-lo. [...] Devo resignar-me à opacidade do quotidiano, ou existe outra coisa?». O que é que permite permanecer nesta alegria – perguntavam-me –, o que é que permite que a experiência do início se possa tornar estável? Ou, para usar a expressão de Dom Giussani: como tornar experiência pessoal estável a relação entre o homem e a realidade na medida em que é originada, dada?

A ESTRADA PARA FAZER UMA EXPERIÊNCIA

É aqui que se põe o problema da estrada, porque nós tivemos estes momentos, e temo-los ainda agora, mas depois damos por nós a perguntar se no dia a dia nos devemos resignar à opacidade, como se não soubéssemos como viver aquele momento inicial de forma estável. Sem fazer uma estrada podemos, mesmo depois de momentos excepcionais, regressar à rotina diária, e tudo se pode tornar outra vez achatado, esqualido, reduzido, insuportável. Nós estamos aqui, amigos, precisamente para fazermos esta estrada, porque encontramos alguém que nos propôs uma estrada, e para nos apoiarmos entre nós nesta estrada. Cada vez que nos encontramos é para continuarmos esta estrada, para cultivar o gosto da estrada, como dizíamos antes, porque sem estrada, ou seja, sem uma educação, o método que Dom Giussani nos confiou não se torna experiência pessoal estável, ou seja, não se torna meu. A realidade está ali, diante de todos nós, mas senti-la estranha, como uma coisa que não é minha; e então prevalece a amargura, prevalece a desilusão. A realidade parece já não provocar aquela ilógica alegria e, portanto, perguntamo-nos se não será preciso resignarmo-nos à opacidade.

Mas o belo é que uma pessoa já começa a fazer experiência da beleza da estrada. Diz a Maria Chiara: «Este Verão descobri a beleza do caminho. Durante anos, sempre quis melhorar as minhas capacidades: mais estudiosa, constante, mais atenta e presente nas amizades e nas relações. Pensei sempre que, para encontrar novamente aquilo que encontrei nestes anos e que me fez feliz e livre, devia ser capaz de acolhê-lo [começamos a dar-nos conta de que isto não é adquirido e que devemos aprender a acolher aquilo que nos é dado]. E pedia para ser capaz de tudo. De dar conta. Mas depois de algum tempo, em que

se alternaram bons resultados e falhas, vê-se que nem isto chega. Tenta-se encontrar paixão nos estudos, e não chega; tenta-se viver verdadeiras amizades, e não chega. Tudo pode acabar, incluindo o entusiasmo pela vida, e queres continuamente novidades, fugir, viajar mudar. Perguntei-me: como querer ficar naquele preciso momento em que estou, e responderam-me: “De que é que gostas?”. Bem, não o sabia, aliás respondia: “Aquilo que encontrei”, [como uma frase já sabida]. Sabia que não podia reduzir-se à companhia. Então, esgotada porque já não encontrava uma “certeza” ou um sinal de que as coisas pudessem voltar a acontecer-me, aceito [uma provocação, uma sugestão que alguém me dá. Responder a uma provocação da realidade, que pode ser esta ou uma outra] ir ao Meeting, sem esperar nada porque tinha falhado em todos os meus planos para o Verão. Naquela semana vivi verdadeiramente o Meeting. Entre o sacrifício do trabalho e a maravilha que se encontra neste mesmo sacrifício, vivia tudo com grande liberdade, ou seja, pedia para estar ali apesar daquilo que sou, ou melhor, por aquilo que sou. E vi nos outros algo de grande e de imprevisto que não conseguia entender, tal como não posso prever o meu destino. Não tive um milagre, mas fiz um caminho. Não existiam as situações desvantajosas e as vantajosas, eram todas uma possibilidade. Este ano tenho que enfrentar a admissão à faculdade e o exame de Medicina. Este é muito importante para mim, mas já não posso, sinceramente, pedir apenas para passar, já não me chega, quero que em tudo isto aconteça um caminho [começamos a ver que já não basta apenas o nosso sucesso]. Para enfrentar este ano, pedi na minha escola para rezarmos juntos as Laudes antes do início das aulas. Rezava-as de manhã durante a semana do Meeting e eram verdadeiramente uma possibilidade para estar atenta durante o dia [começamos a dar-nos conta de que certos gestos educam para estarmos atentos, começamos a educar-nos neste caminho, podemos ver aquilo que dantes não víamos e começamos a vencer a desilusão e a amargura de ver as coisas como as víamos antes. Agora, aquilo que dantes era apenas um hábito ou talvez uma formalidade, começamos a descobri-lo em todo o seu alcance educativo. Começamos a rezar para “estar atenta durante o dia”]. Espero que seja assim também para as pessoas com quem partilho este gesto». Começa a crescer a consciência duma ami-

zade: que seja assim para todos, que não seja um gesto formal. «Esperem um caminho, não um milagre» (L. Giussani, “Encontro nacional pré-universitários”, Rimini, 28-30 de Setembro de 1982, Arquivo CL) dizia Dom Giussani. Esta é a estrada.

La strada (letra e música de C. Chieffo)

A questão da estrada é a questão mais decisiva da vida. Todos sabemos onde queremos chegar, qual é a plenitude que desejamos viver, qual é a relação com a realidade que nos agradaria a fim de que tudo desperte em nós uma ilógica alegria e vença a amargura e a desilusão. Mas se não encontramos a estrada, tudo passa a ser um belo desejo que depois decai. Kafka intuiu isto muito bem quando dizia: «Existe um ponto de chegada, mas nenhum caminho» (F. Kafka, *Gli otto quaderni in ottavo*, in *Confessioni e diari*, Mondadori, Milão 1972, p. 716). É este o desafio que temos pela frente. Tanta gente hoje no mundo, tantos companheiros nossos, dizem: «Há uma meta, mas não sabemos o caminho». Sem identificar bem a estrada, nós não podemos atingir aquela meta que todos queremos conquistar. Por isso, aquela estrada torna-se “a” questão. É aqui que adquire todo o seu alcance a mensagem do Papa Francisco ao Meeting de Rimini: «O Senhor não nos deixa sozinhos [na opacidade do quotidiano, na miséria da nossa sobrevivência diária], não se esquece de nós [e por isso começou um caminho]. Nos tempos antigos escolheu um homem, Abraão, e indicou-lhe o caminho rumo à terra que lhe tinha sido prometida. E na plenitude dos tempos escolheu uma jovem, a Virgem Maria, para Se fazer carne e vir a habitar no meio de nós» (Francisco, *Mensagem ao Meeting pela amizade entre os povos*, 24-30 agosto 2014).

Então, a questão, amigos, como nos relembra ainda Dom Giussani, não é um problema de inteligência, de quem é mais sábio ou mais astuto, porque com toda a tua sabedoria e toda a tua astúcia, podes também perder-te. É um problema de atenção, para descobrir alguém que nos leve aonde nós queremos ir, mas não sabemos como lá chegar, onde nós queremos chegar sem conseguir fazê-lo sozinhos. Por isso, devemos pedir sempre para termos aquela atenção de que falava a Maria Chiara, porque tudo na vida se joga a este nível. Uma pessoa

pode ir à escola, como conta o Andrea, e depois «das primeiras semanas satisfatórias, a um certo ponto nada parecia bastar-me e fiz alguns projetos pensando que assim poderia alcançar aquela felicidade, mas os meus planos não correram como eu pensava [mas justamente ali, na escola, a uma dada altura, acontece alguma coisa]. Lemos o *Canto de um pastor errante da Ásia* de Leopardi e imediatamente surgiu com prepotência a pergunta da Jornada: mas tu, o que é que procuras? Descobri-me tenso para este desejo de felicidade que me faz viver e me impele a apontar sempre para o belo, o verdadeiro, a espantar-me diante dum quadro ou ouvindo uma canção que torna a vida plena». A um dado momento, uma pessoa que se está a afogar no seu próprio nada, encontra-se diante de alguém que – lendo, neste caso, um canto de Leopardi – lhe desperta todo o seu eu. Sempre aconteceu assim e sempre acontecerá. O encontro com aquela Presença que me faz ser, para citar Dom Giussani, «ressuscita a personalidade, faz entender ou voltar a entender, faz descobrir o sentido da nossa própria dignidade, da dignidade da nossa própria personalidade. E como a personalidade humana é composta de inteligência e de afetividade ou liberdade, naquele encontro a inteligência desperta-se numa curiosidade nova, numa vontade de verdade nova, num desejo de sinceridade nova, num desejo de conhecer como é verdadeiramente a realidade, e o eu começa a vibrar com uma afeição ao que existe, uma afeição à vida, uma afeição a si mesmo, uma afeição aos outros, que dantes não tinha. E assim se pode dizer; nasce a personalidade» (*In cammino. 1992-1998*, op. cit., pp. 184-185). Quanto Tu estás aqui, eu sou.

SEGUIR AQUILO QUE COMEÇO A TOCAR COM A MÃO

Então, quando acontece uma coisa assim, começa o drama da vida, porque eu tenho que decidir: ou eu sigo aquilo que começo a surpreender em mim, aquilo que desperta o meu eu, que o enche de curiosidade, que o faz tremer de afeição por tudo o que tenho à minha frente, ou fico sozinho no meu caldo com os meus pensamentos. E este é o drama que cada um de nós tem que viver. Porque uma vez identificado alguém em quem eu posso ver realizado, completo, aquilo que eu desejo, então já encontrei uma resposta para a questão da

estrada: há uma estrada porque a vejo diante de mim, encarnada em determinadas pessoas, pela maneira como se relacionam com o real, nas quais a miséria do quotidiano não vence e a relação com cada circunstância se torna fascinante. E então o desafio é: eu quero seguir aquilo que começo a tocar com a mão, não apenas a imaginar, a sonhar dizendo: «Quem me dera que fosse verdade!». Não. É verdade, eu vejo-o diante de mim, em alguém. Aqui começa o drama: eu sigo aquilo que vi, que intuí, que toco com a mão, ou continuo a lamentar-me de como é feia a realidade, a vida? É o problema de seguir aquilo que intuí como correspondente ao meu coração.

Então, o que significa seguir? Seguir, diz-nos Dom Giussani, «é o desejo de reviver a *experiência* da pessoa que te provocou» (*Il rischio educativo*, SEI, Turim 1995, p. 64), para que isto que tu vês nela ou nele possa pouco a pouco tornar-se teu, e então a tua vida começa a ser diferente. «Passou-se mais de um mês desde o regresso das férias dos Liceus/Colegiais e, inesperadamente, o dia a dia tornou mais vivos o espanto e a gratidão por tudo o que aconteceu. Nestes dias, volto continuamente àquela graça que explodiu, sim, à manhã em que o descobrimos: a chuva. Como? Sim, a chuva. A verdadeira descoberta, porém, não foi a chuva, nem o sol em dois dias de quatro, mas a provocação que nos chegou através do padre Gigi, que guiava as férias e que, a partir do salmo das Laudes, relançou a pergunta, não “O que vamos fazer?”, mas “O que procuro? De que é que preciso? É a Tua força que me sustenta, ou é o sol?” E desde aquela segunda-feira, estando diante de uma pessoa assim, experimentei que o desafio era que eu me desse conta daquilo que acontecia à minha frente, de mim e da realidade [“que eu me desse conta”. A realidade existe, mas eu posso estar adormecido, posso estar distraído. A verdadeira novidade não é que a realidade exista, mas que eu me dê conta dela]. E para mim está ainda vivíssima a consciência de que é absolutamente conveniente, e em vez de teimar em esperar que as coisas mudem, comecei a ler de maneira diferente, a olhar de maneira diferente para a circunstância, [que às vezes até pode mudar], ir ao fundo dela, julgá-la. Para o novo ano escolar preveem-se diversos problemas, até sérios, mas eu não tenho medo nem me preocupo em começar a resolver os problemas. O método das férias está a tornar-se o método do dia a

dia». Eis a questão: se aquilo que nós vivemos quando estamos juntos, numas férias, e com que nós próprios nos espantamos diante daquilo que acontece, se torna pouco a pouco o método do quotidiano. E o que é que este rapaz aprendeu, através das pessoas que o introduziram a olhar para a realidade como ele descreveu? Aquilo que nos lembrou também o Papa na Mensagem ao Meeting, convidando-nos «a nunca perder o contato com a realidade, aliás, a ser amantes da realidade», pois muitas vezes na cultura dominante coloca-se a aparência em primeiro lugar, o verdadeiro desafio é amar a realidade. «Dom Giussani deixou isto em herança como programa de vida, quando afirmava: “A condição única para ser sempre e verdadeiramente religioso [ou seja, homens] é viver sempre intensamente o real. A fórmula do itinerário para o significado da realidade é viver o real sem cortes, ou seja, sem negar ou esquecer coisa alguma. [Porque] de fato, não seria humano, isto é, razoável, considerar a experiência limitadamente à superfície, na crista da onda, sem descer às profundezas do seu movimento”» (Francisco, *Mensagem ao Meeting para a amizade entre os povos*, 24-30 de Agosto de 2014). Com este apelo o Papa volta a dar-nos “agora” o «programa de vida», como lhe chama, de Dom Giussani. E o programa não é a repetição das definições certas, mas a indicação dum estrada para que possa acontecer, diante da chuva ou diante de qualquer outra circunstância, o mesmo espanto, porque para sermos homens é preciso, diz-nos Dom Giussani, «viver sempre intensamente o real» (*O Sentido Religioso*, op. cit., p. 151).

O VALOR DAS CIRCUNSTÂNCIAS

E de que é feito o real? O real é feito de todas estas circunstâncias: ir de férias e poder chover, deparar-me com uma matéria que não me agrada, não estar bem com os amigos. A questão é se em todas estas coisas ficamos só na aparência ou se nós, em cada uma destas situações, vamos ao fundo daquilo a que o Senhor nos quer levar através de todas as circunstâncias. Através das vossas cartas, vê-se que, para muitos de vocês, todas as coisas se tornam parte do caminho, porque tudo quanto nos é dado, tudo quanto acontece no real, é para descobrir cada vez mais o que é que nos aconteceu na vida. Porém, muitas

vezes nós raciocinamos assim: depois de ter encontrado Cristo, já tudo está resolvido; tendo-O encontrado, temos tudo, e portanto a realidade é toda arquivada. Pelo contrário, Giussani diz-nos que não, que a realidade não é arquivada – impressiona-me sempre esta sua resposta. E por que é que não é arquivada? O que é que esta realidade, estas circunstâncias que não são arquivadas, têm que ver com a relação com Cristo? «A realidade não é arquivada porque nós já sabemos tudo [ou] temos tudo. [Sim, é verdade que nós] Temos tudo, mas o que é este tudo, nós não o compreendemos [...] no encontro com as circunstâncias, as pessoas, com os acontecimentos». Por isso não é preciso, «censurar [ou], esquecer [ou], renegar nada» (*L'io rinasce in un incontro. 1986-1987*, Bur, Milão 2010, p. 55). Há alguns dias, um universitário contou-nos a sua semana cheia de atividades (tinham que fazer a acolhida dos calouros, tinham que organizar os apartamentos para os recém-chegados, tinha exames para preparar), mas depois, no sábado, deparou-se com uma tristeza sem fim. Começou a telefonar a torto e a direito para todos os que podia, mas não conseguiu eliminar a tristeza. E então se pôs a ler o texto da Jornada de Início de Ano, da qual tinha participado. Começou a ler novamente aquilo que já tinha lido, mas que não tinha compreendido, ou seja, quando o Davide Perillo disse: «O início é um dom, uma predileção, tal como o início da vida é um dom não merecido, é o sinal maior da relação com quem nos quis» («Não sou quando não estás aqui», *Tracce*, n. 9/2014, p. II). E isto fê-lo compreender aquilo que tinha lido primeiro sem compreender. Impressionou-me mesmo, porque na experiência que cada um faz, sem ter que inventar grandes teorias, começa-se a ver porque é que o Mistério nos faz passar, às vezes, através de certas circunstâncias. Com efeito, se não tivesse experimentado aquela tristeza, se não tivesse sentido todo o vibrar do seu eu na busca de significado, até ver surgir de novo em si a pergunta: «Mas o que é que procuras?», aquele universitário não teria podido «captar» o valor daquilo que tinha ouvido na jornada de início de ano, mas que não tinha compreendido. Teria podido fazer a Escola de Comunidade com os seus comentários ao texto sem o ter compreendido, porque sem aquela tristeza não teria captado todo o alcance daquilo que lhe tinha sido dado. É isto que nos acontece muitas vezes. Nós só podemos com-

preender as coisas, compreender o dom que é o real, o dom que é ter um amigo, o dom que é encontrar alguém pelo caminho que nos introduz à verdade, só podemos compreender o alcance daquilo que temos pela frente e captar entre muitos rostos o rosto daquele que nos é dado pelo Mistério para fazer a estrada, se formos capazes de captar a diversidade daquela presença como resposta ao nosso pedido (à tristeza, no caso daquele rapaz). É fatal, porque sem acontecer este encontro entre a minha necessidade e alguma coisa fora de mim, na realidade, uma presença, um amigo ou a pessoa amada, sem este encontro eu não me dou conta de qual é a resposta para a minha vida.

Muitas vezes atravessamos circunstâncias dramáticas. Por isso, uma de vocês pergunta-me? «Mas tenho que errar sempre para crescer?». Não! Podemos educar-nos a viver a realidade, podemos seguir, como vimos, alguém. Não temos necessariamente que errar sempre. Como diz um de vocês: «Quando acabaram as férias dos Liceus/Colegiais, muitos amigos meus estavam tristes porque se perguntavam como iriam fazer para reviver durante todo o resto do Verão aquele contentamento que tinham experimentado naqueles dias. Eu estava tão feliz, que na realidade nem sequer me fiz esta pergunta. O que dominava os meus pensamentos era aquela Beleza que durante a última semana me tinha conquistado e que tinha passado através de vários rostos, e de modo particular através do rosto de uma professora minha. O mês e meio que se seguiu às férias, passei-o quase em completa solidão, junto ao mar com a minha mãe e o meu irmão de quatro anos e os meus avós, e depois tinha um exame de matemática, por isso os meus dias eram marcados pelo estudo. Havia rapazes “normais” [que tinha conhecido ali] que passavam o dia na praia a exhibir-se para as meninas, tentando convencê-las a sair com eles à noite, e as conversas que tinham entre eles eram sempre sujas, sobre quantas meninas tinham tido. Este foi o contexto em que me encontrei grande parte do Verão. E no entanto, no meio de tudo isto, acordava cada manhã e era indelével, impossível de apagar, a Beleza que eu tinha vivido nas férias. E não podia fingir que aquele encontro nunca tinha acontecido. O meu desejo anelava a re-experimentar aquela alegria que tinha vivido. Assim, uma noite, em que tinha saído com este grupo de rapazes, não suportando mais as suas conversas, dirigi-me a um deles falando dos

temas que mais lhe interessavam: o amor. E com perguntas, desafiei-o a não ficar a um nível superficial, como sempre tinha feito, mas a ir um pouco mais fundo. E então falou-me da sua namorada que, umas semanas antes, o tinha deixado, e esta dor provocava-o tanto que falámos intensamente dela durante toda a noite. No fim, antes de ir para a cama, deteve-me dizendo: “Obrigado, nunca tinha pensado antes desta noite nas coisas de que falámos. Estou mesmo contente”. E, coisa ainda mais extraordinária foi o que aconteceu na noite seguinte: eu e o mesmo amigo do dia anterior recomeçámos a conversar e, desta vez, uma jovem que outro amigo tinha convidado para sair ouviu-nos falar. Esta jovem, curiosa com o que estávamos a dizer, aproximou-se de nós dois e pôs-se a falar conosco e, durante todo a noite, falámos sobre o que era o amor. E a jovem, ainda que não nos conhecesse minimamente, pôs-se a contar toda a sua vida, mesmo as coisas mais privadas. No fim da noite, a jovem agradeceu-nos, também ela surpreendida com aquele tempo que passámos juntos, com aquele contentamento que sentimos em nós e que até aquele momento nunca tinha experimentado. Conte estes dois episódios porque me impressiona a forma como depois das férias eu sou e como estou a mudar todos os dias. Aconteceu alguma coisa na minha vida que eu não posso deixar de ter em consideração. Cada manhã me levanto com este imenso desejo de re-experimentar aquela Beleza que me conquistou. E este desejo está a fazer-me mexer, está a fazer com que eu não me contente, não possa contentar-me, com nada menos do que com aquela Beleza. E levo este desejo atrás de mim para cada hora de aula, para a relação com os amigos e para casa. Estou a dar-me conta de que os dias têm um gosto que dantes não conseguia imaginar [não só nas férias, mas também no dia a dia, na opacidade do quotidiano!]. É como se agora tivesse olhos novos e começasse a ver as coisas como elas são verdadeiramente [é um problema de conhecimento, não de sermos “bons”, porque se nós não conhecemos bem a realidade, depois sufocamos. É um problema de ter olhos novos para ver as coisas como elas são verdadeiramente]. Eu acordo todas as manhãs pedindo que este desejo não diminua nunca, mas que me inflame cada vez mais, para que possa continuar a procurar aquela Beleza que prometeu esperar-me em todos os meus dias».

O FILHO PRÓDIGO

Mas quando nos obstinamos e queremos fazer as coisas sozinhos, o Mistério deixa-nos todo o tempo necessário para que possamos descobrir o que somos, mesmo através dos nossos erros. Não é que Ele nos leve a errar; não, a verdade é que nós, às vezes, somos tão obtusos que não nos damos conta disso. É precisamente por isso que a imagem do filho pródigo ficará sempre como a imagem de quem, tendo recebido tudo (casa, bens, pai), não consegue resistir ao fascínio da sua autonomia, de fazer ele mesmo, porque, não tendo percebido o que tem entre as mãos, o que recebeu, tudo lhe parece um obstáculo à sua liberdade, tudo o aperta. E todos conseguimos imaginar a emoção do pai diante da liberdade do filho que se obstina, não reconhecendo aquilo que era evidente. O que é que pode fazer? Como pai, tem que aceitar e tem que dar ao filho o tempo para compreender. Não é que o esteja a convidar a errar! O problema, rapazes, é que nós, sendo tão obstinados, às vezes só nos encontramos a nós mesmos quando chegamos ao fundo, como o filho pródigo: só quando se encontra a comer com os porcos, diz o Evangelho, é que cai em si e começa a compreender. Quando parecia que tudo estava perdido, o filho pródigo encontra dentro de si algo que não se tinha perdido: precisamente no momento aparentemente mais obscuro e confuso, emerge o seu coração, com todas as suas evidências e exigências constitutivas. E todos os seus erros não conseguem apagar a memória da sua casa, do seu pai e do padrão de vida dos seus criados. E isto lhe permite julgar, fazer uma rapidíssima comparação entre a situação precedente e a atual: «Quantos criados do meu pai têm pão em

abundância e eu aqui a morrer de fome!». E assim pode recuperar – e também nós podemos recuperar –, a partir da sua experiência e também dos seus erros, aquilo que pensava já saber, dá-se conta das dimensões da sua necessidade e do bem que é ter um pai. Ele sabia que tinha um pai, mas não o sabia verdadeiramente; tinha recebido tudo, mas isto teve que o descobrir no encontro com esta sua obstinação, infelizmente. Não é que o pai o tenha expulsado de casa ou o tenha levado a errar; não, é que nós somos tão tolos que pensamos que há sempre outro lugar – imaginado por nós – onde nos podemos encontrar melhor a nós mesmos. E então, finalmente, o filho pródigo compreende onde se encontra a liberdade, descobre que a liberdade é uma ligação, é uma casa, é um pai: e reconhece o bem que significa ter um pai que o abraça de novo e o acolhe como filho. O pai, por sua vez, está feliz por ver como a sua paciência em relação à liberdade do seu filho lhe permitiu reencontrá-lo como filho, e está grato por ter um filho contente por ser filho, porque ele não quer servos, mas quer filhos. E ao mesmo tempo, ficará sempre diante de nós como exemplo o fato de que alguém que permanece em casa de modo formal, como fez o outro filho da parábola, não significa necessariamente que tenha compreendido o que quer dizer ser filho e ter um pai, porque podemos ficar em casa lamentando-nos. Qual é que foi a descoberta do filho pródigo? Qual é que foi a coisa verdadeiramente surpreendente? A sua lealdade. A um dado momento, deu-se conta de que aquela sua imagem de realização, de liberdade, não correspondia, e teve a coragem de o dizer a si mesmo e de regressar a casa, onde há sempre um pai à nossa espera. ■